

**QUANDO EU ERA VIVO: O ENFOQUE PECULIAR DA HISTÓRIA VISTA
PELO MEMORIALISTA MEDEIROS E ALBUQUERQUE (1867-1934)**

SALVADOR, Vitor Celso-PG(UNESP/Assis)

RESUMO: Medeiros e Albuquerque (José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque) foi jornalista, professor, político, contista, poeta, orador, romancista, teatrólogo, ensaísta, conferencista, crítico e memorialista. Ele escreveu obras valiosas para a literatura brasileira, tais como: *O Remorso*, *O regime presidencial do Brasil*, *Hipnotismo*, *Minha vida* e *Quando eu era vivo*. Em relação ao livro de memórias *Quando eu era vivo*, Medeiros e Albuquerque, diferenciando-se dos típicos memorialistas em geral, preferiu, sobretudo, utilizar sua escrita para contestar alguns acontecimentos históricos que ele mesmo presenciou. Por ora, de maneira bastante ousada, contestou em sua ficção aspectos descritos na História como verídicos como, por exemplo, a Lei Áurea ter sido assinada voluntariamente pela princesa Isabel, além também de criticar de modo impressionista figuras importantes da História, tais como: D. Pedro II, Campos Sales, José do Patrocínio, Floriano Peixoto, Marechal Deodoro da Fonseca, entre diversas outras.

PALAVRAS-CHAVE: história; literatura; memórias; crítica

Medeiros e Albuquerque teve várias ocupações profissionais em sua vida, afinal de contas, foi jornalista, professor, político, contista, poeta, orador, romancista, teatrólogo, ensaísta, crítico, conferencista e também um talentoso memorialista.

Nasceu em Recife em 4 de setembro de 1867 e faleceu no Rio de Janeiro em 9 de junho de 1934. Participou da Academia Brasileira de Letras, fundando a cadeira de número 22, cujo patrono é José Bonifácio, o Moço. Ocupou a Secretaria geral da Academia de 1899 a 1917.

O crítico, que no princípio da sua carreira literária estimava Portugal, onde fez parte da sua educação, depois nem sempre tratou os portugueses do mesmo jeito. A reforma ortográfica que em Portugal se fez no ano de 1911, sugeriu-lhe, em especial, fortes críticas, embora ele fosse adepto da simplicidade ortográfica.

O seu radicalismo e a sua obstinação entraram em choque com o espírito conciliador dos reformistas de 1911, só acalmando com o acordo ortográfico de 1931, que a Constituinte anulou em 1934, restabelecendo a ortografia que vigorava em 1891.

Medeiros e Albuquerque estreou na literatura em 1889 com os livros de poesia *Pecados e Canções da decadência*, nesse mesmo ano, publicou *O remorso* (carta em versos à princesa D. Isabel), revelando certo conhecimento da estética simbolista.

No volume *Pecados*, ele fez a “Proclamação Decadente”, que foi o texto precursor do poema-manifesto “A Arte”, de Cruz e Souza. Apesar disso, percebe-se, em seu trabalho, apenas uma certa influência simbolista da qual, posteriormente, acabou em parte se desvinculando.

O crítico escreveu obras importantes para a literatura brasileira, tais como: *Homens e cousas da Academia Brasileira, Quando era vivo, Marta, Em voz alta, O silêncio é de ouro, O umbigo de adão, Por alheias terras, Graves e fúteis, Laura, Páginas de crítica, Fim, O escândalo, Teatro meu...e dos outros, O mistério, Pontos de vista, O Brasil e a guerra européia, O Remorso, Um homem prático, Mãe tapuía, Contos escolhidos, Se eu fosse Sherlock Holmes..., O regime presidencial do Brasil, Hipnotismo, A arte de conquistar as mulheres e Minha vida.*

Medeiros e Albuquerque possuía uma extraordinária faculdade de exposição de idéias, uma capacidade de reduzir a fórmulas simples e instrutivas idéias complexas e, com isso, utilizava com vantagem desses predicados na crítica. Para ele, “um jornalista é um homem enciclopédico que entende de tudo, sobretudo dá sentenças profundas e bem definitivas” (ALBUQUERQUE, 1942, p.25).

O crítico manifestava um talento disperso pela vida e pela arte “documentando sua visão do mundo em uma fase crítica dos fatos sociais brasileiros para a história da humanidade” (MENEZES, 1949, p.65).

Conferencista de renome, Medeiros sabia dominar as emoções da platéia com sua prosa elegante, seus conceitos exatos, seu espírito exuberante, sendo o representante mais típico, no Brasil, do espírito voltairiano.

Realmente, não basta –como quer Medeiros- escrever bem para fazer uma boa história da literatura, visto que “torna-se indispensável, além de outros requisitos, um vocabulário crítico” (BROCA, 1963, p.22).

Medeiros e Albuquerque teve uma participação extremamente atuante e valiosa na literatura do Brasil e isso fez com que vários críticos literários apreciassem muito seu trabalho e escrevessem a seu respeito. Notavelmente, “Medeiros foi uma das inteligências mais fascinantes de seu tempo” (GOES, 1959, p.16), além deles não esquecerem que a introdução dos simbolistas franceses entre nós foi consequência do trabalho desse autor. Todavia, Medeiros não foi além de “simples veleidades de atuação

ao incorporar-se a uma corrente com a qual não tinha qualquer afinidade espiritual ou estética” (MURICY, 1987, p.88).

Outro dado interessante é que Medeiros e Albuquerque sempre se manteve empolgado por questões políticas, visto que como político, que também foi, “desenvolveu importante missão na propaganda da República e foi deputado federal e senador pelo seu estado natal” (CARPEAUX, 1964, p.47). Marcas dessa atuação encontram-se, por exemplo, em algumas de suas obras como, por exemplo, em *O regime presidencial no Brasil*, em *Parlamentarismo e presidencialismo* e em *Quando era vivo*.

Em relação ao livro *Quando era vivo*, Medeiros e Albuquerque escreveu as suas memórias, mas de forma bastante atípica, se comparada com a padrão. Desse modo, ele preferencialmente optava por narrar os fatos sociais e históricos ocorridos na época em que ele viveu, ou seja, de 1867 a 1934, a falar basicamente de si mesmo.

Sabe-se que memorialistas costumam escrever memórias de forma essencialmente limitada, visto que o ponto de vista particular contribui muito para isso, ao passo que “há sempre a desconfiança de que o escritor desse gênero literário se julga um personagem importante” (ALBUQUERQUE, 1942, p.9). É, evidentemente, “um gênero até certo ponto suspeito” (ALBUQUERQUE, 1942, p.9).

No entanto, Medeiros e Albuquerque utilizou *Quando era vivo* apenas como “pano de fundo” para enfatizar e questionar preferencialmente questões envolvendo a História nacional. Para ele, memórias não se escrevem somente por vaidade, visto que “escrevem-se às vezes, porque os autores têm alguma coisa de que se justificar. Escrevem-se para acusar outras pessoas” (ALBUQUERQUE, 1942, p.9). De fato, ele se julgava “um centro neutro de agrupamento desses fatos” (ALBUQUERQUE, 1934, p.11).

Outro dado importante de destacar é a grande importância que Medeiros e Albuquerque demonstrou possuir quando escrevia suas memórias. Evidentemente, ele mostrava sempre sua sinceridade, ratificando: “precisamente o que procurei não foi fazer revelações solenes e sim apenas lembrar episódios da minha vida, convenientes e inconvenientes, mas verdadeiros” (ALBUQUERQUE, 1934, p.12)

Além disso, um dado interessante envolvendo o livro é o fato de ele ser o conjunto contendo os dois volumes de *Minha vida* do próprio autor, além de possuir

capítulos absolutamente inéditos, notas, acréscimos e um apêndice em que, por exemplo, esclarece-se de maneira clara a polêmica controvérsia que envolve a conversão do escritor à Igreja católica, visto que ele sempre foi um ateu convicto.

Ademais, outro dado bem curioso é que Medeiros e Albuquerque exigiu, em 1934, antes de morrer, que suas memórias fossem publicadas apenas no ano de 1942. De fato, ele pediu, de acordo com um manuscrito pouco antes de seu falecimento, que seus herdeiros publicassem apenas em 1942, não antes; nem depois. E foi isso o que aconteceu: *Quando era vivo* surgiu nesse respectivo ano.

O escritor escreveu um livro retratando o período de sua vida, que se iniciou em 1867 e encerrou em 1934. Portanto, como se observa, ele viveu em uma época bastante importante para a história nacional, englobando uma parte da Monarquia (com seu declínio), além da ascensão da República.

Naturalmente, ele não apenas teve o intuito de transcrever suas memórias, como também descrever situações e figuras importantes da História do país, de forma quase sempre negativa, discorrendo comentários ousados a elas.

Aliás, a utilização do recurso crítico com uma certa ousadia maior sempre foi defendida pelo memorialista, que aludia as figuras históricas quase sempre de forma negativa, o que não deixa de causar um grande estranhamento nos leitores, contudo.

Sempre ousado, Medeiros e Albuquerque procurou, não apenas em *Quando era vivo*, como também em todas as suas produções, transcrever seus pontos de vistas, mas de forma corajosa e bem aludida.

Vale registrar que, em diversas produções suas, tais como *Páginas de crítica* e mesmo nesse livro memorialista, chegou até mesmo a referir-se negativamente a Sílvio Romero, seu mestre, expressando por inúmeras vezes uma reprovação ao seu método crítico, que defendia muito mais uma abordagem sociológica e historicista, totalmente em oposição ao método impressionista de Medeiros, que dava oportunidade para que as sensações aparecessem nos seus comentários, sempre de forma elucidada, isto é, nada gratuita.

Consequentemente, observando *Quando eu era vivo*, nota-se uma favorável tendência para se expor suas sensações de forma muito mais íntima, afinal de contas, é uma obra de memórias.

Surpreendentemente, Medeiros retratava figuras históricas consagradas do Brasil, mas de forma nada convencional, criticando-as. Por exemplo, quando discorreu sobre o imperador D. Pedro II, de forma bastante irônica, ele o criticou, opinando que “D. Pedro tinha a mania de erudição. É o caso de falar de mania, porque nem tudo nele era sincero” (ALBUQUERQUE, 1942, p.21).

Ademais, o memorialista sempre deixou bem claro seu desapeço pelo imperador, tanto que é afirmou: “o que D. Pedro II queria ter era fama de sábio” (ALBUQUERQUE, 1942, p.21).

Vale registrar que Medeiros e Albuquerque estudou grande parte da sua infância no famoso Colégio Pedro II e, desse modo, teve bastante contato com Dom Pedro nessa época. De forma altamente descontraída, ele escreveu que o imperador só demonstrava talento na cozinha, afirmando: “era para a cozinha que se dirigia em primeiro lugar. Tinha a preocupação de que os alunos fossem bem alimentados” (ALBUQUERQUE, 1942, p.22). Para Medeiros, o imperador era apenas “um charlatão hipócrita” (ALBUQUERQUE, 1942, p.75).

Em um outro momento do livro, quando ele registrou uma situação envolvendo alguns porcos que invadiram a cozinha do colégio, quando D. Pedro II estava e, conseqüentemente, os animais andaram pelas pernas dele, Medeiros, de forma irônica, informou: “o imperador, que era, em geral, de uma tal placidez que o chamavam ‘o banana’, ficou possesso de furor” (ALBUQUERQUE, 1942, p.24).

Em outro episódio de *Quando eu era vivo*, quando ele escreveu sobre José do Patrocínio, de forma nada tradicional, disse: “aquele negrão gordo, com uma cara empapuçada de alcoólico, um modo de andar gingando” (ALBUQUERQUE, 1942, p.59). Por fim, ainda registrou que Patrocínio nunca o agradou.

Vale registrar que na propaganda abolicionista, Medeiros e Albuquerque quase não interferiu, apesar de mostrar certo interesse por ela, mas não freqüentando nenhum tipo de reunião envolvendo esta causa. Ademais, Silva Jardim foi elucidado positivamente pelo memorialista, que afirmou: “afinal, feita a abolição, a propaganda republicana tomou incremento extraordinário, graças a Silva Jardim” (ALBUQUERQUE, 1942, p. 68).

Quando discorreu sobre a Lei Áurea, teceu críticas bastante negativas à Princesa Isabel, além de afirmar ser uma grande falácia da História querer dar a ela o papel de

grande promotora deste evento, visto que “D. Isabel nem apressou, nem deteve a marcha triunfante dessa idéia. Cedeu” (ALBUQUERQUE, 1942, p.73).

Para o crítico pernambucano, isso não é pra se admirar, visto que “não há nenhum grande acontecimento histórico referido com inteira verdade” (ALBUQUERQUE, 1942, p.73).

Aliás, em 1889, Medeiros publicou um livro intitulado *O Remorso*, que era informações sobre os tempos dele em Lisboa. Nessa obra, ele escreveu um verso para a princesa Isabel, ironicamente, dizendo: “Maldita sejas tu, futura Imperatriz!” (ALBUQUERQUE, 1889, p.75).

Em um outro momento do livro, ao abordar Campos Sales, Medeiros opinou que Sales “nunca foi um prodígio de coragem” (ALBUQUERQUE, 1942, p.77). Na concepção do memorialista, Sales foi o presidente “mais nefasto de quantos houve em nossa terra. Ele perverteu completa e irremissivelmente o regime presidencial e a imprensa” (ALBUQUERQUE, 1934, p.26). Medeiros e Albuquerque nunca aprovou a “política dos governadores”, feita pelo então político Campos Sales. Por ora, para ele, depois de Salles, o pior presidente do país foi Wenceslau Braz.

Ironicamente, o escritor também mostrava total antipatia pelo presidente Epitácio Pessoa, tecendo muitos comentários nada satisfatórios a ele, julgando que o tipo sempre pareceu “profundamente repugnante pela sua avidez de arrivista, frio, implacável” (ALBUQUERQUE, 1934, p.63).

Ao discorrer sobre a Proclamação da República, contestando a visão convencional que a História procura registrar nos livros didáticos, Medeiros, no entanto, informou que, no dia 15 de novembro, às 2h, quem decidiu a direção do movimento foi a Escola militar, rompendo em inúmeras aclamações. Desse modo, “Deodoro, zangado, mandou um emissário pedir que se calassem, mas os rapazes não fizeram caso” (ALBUQUERQUE, 1942, p.82).

Além disso, durante os 30 primeiros anos da República brasileira, o escritor apontou duas figuras que merecem destaque, que são: Barão do Rio Branco e Francisco Pereira Passos, sendo que o mais notável foi o último. Na concepção de Medeiros, Passos não tinha a estatura de Rio Branco e Floriano Peixoto, “embora seja curioso” (ALBUQUERQUE, 1942, p.138). Rio Branco tornou bastante comum o passeio em

carros descoberto na capital Federal do Brasil na época, isto é, no Rio de Janeiro. Antes disso, essa atitude era vista pejorativamente, sendo algo bastante grotesco.

Naturalmente, a primeira questão relevante que Barão do Rio Branco enfrentou foi a que envolveu o Acre, que constava em um tratado assinado antes envolvendo Bolívia e Brasil, especificando restrições territoriais brasileiros e também excluindo até mesmo o Acre. Como Medeiros e Albuquerque foi um dos maiores defensores dessa causa, chegando até mesmo a defendê-la em conferências e artigos de periódicos, isso possivelmente os aproximou.

Com grandes elogios, o escritor sempre registrou que Rio Branco “não era um medíocre. Pelo contrário, sua inteligência, sempre aberta, aprendia e expunha admiravelmente os fatos” (ALBUQUERQUE, 1942, p.150). Evidentemente, Rio Branco sempre se revelou um apaixonado pela nação brasileira, sendo que, conseqüentemente, “pensar em Rio Branco é lembrar a diplomacia brasileira” (ALBUQUERQUE, 1942, p.150).

Como se vê, o memorialista também sabia elogiar quando julgava pertinente. Elogiou muitos personagens históricos como, por exemplo, Floriano Peixoto, ao informar sobre os conflitos envolvendo os tempos iniciais da nossa República. De fato, para ele, “o homem inabalável foi Floriano. Desde o momento em que ele deu sua adesão, não teve mais vacilações” (ALBUQUERQUE, 1942, p.81).

Além disso, registrou que “esse homem retraído, de movimentos vagarosos, pouco expansivo, era um trabalhador formidável” (ALBUQUERQUE, 1942, p.117), apesar de também registrar que Floriano não costumava confiar em ninguém, o que o revelava possuidor de uma personalidade bastante forte, que a História sempre registrou, ao passo que ele foi “misterioso e complicado” (ALBUQUERQUE, 1942, p.138), além de, paradoxalmente, “suscitar admirações apaixonantes e ódios rancorosos” (ALBUQUERQUE, 1942, p.138).

O grande acontecimento da época de Floriano Peixoto foi a famosa Revolta da Armada, que teve início em setembro de 1893 e finalizou em Abril de 1894. De forma descontraída, Medeiros e Albuquerque teceu algumas opiniões sobre esse fato, registrando: “foi um tempo agitado e pitoresco” (ALBUQUERQUE, 1942, p.106).

Por ora, o memorialista lembrou o fato de Floriano ter tomado posse do cargo de Vice-presidente da República, perante a Constituição, escrevendo que havia em disputa dois candidatos: Marechal Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto.

No entanto, todos votaram com unanimidade Peixoto para a vice-presidência. Para o crítico, havia duas características em Floriano Peixoto incontestáveis: “uma bravura indiscutível, uma probidade imaculada” (ALBUQUERQUE, 1942, p.119). Além disso, vale noticiar que, para Medeiros e Albuquerque, o melhor presidente da República da época em que *Quando era vivo* foi escrito foi Rodrigues Alves.

Em suma, Medeiros e Albuquerque, no livro *Quando era vivo*, diferentemente dos típicos memorialistas, que escrevem memórias com o objetivo principal de enfatizar sua própria imagem, procurou registrar momentos importantes da História do Brasil, além de abordar dados sobre personagens importantes dela. Por ora, fazia isso de forma altamente irônica, atípica e memorialista, pois, acima de tudo, criticava, contestando até mesmo dados que os historiadores defendem como verídicos, mas que ele julga mentirosos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Medeiros e. *Quando era vivo*. Rio de Janeiro: Leite & Maurillo, 1942.

_____. *O Remorso*. Rio de Janeiro: Garnier, 1889.

_____. *Minha vida*. Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1934. 2v.

BROCA, Brito. *Introdução ao estudo da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: INL.MEC, 1963.

CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1961.

GÓES, Fernando. *Panorama da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1959. 4v.

MENEZES, Raimundo de. *Escritores na intimidade*. São Paulo: Editora S.A., 1949.

MURICY, Andrade. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 1987.